

EUA anunciam plano para reduzir dívida externa

AS PRINCIPAIS PROPOSTAS DO "PLANO BRADY"

Estes são os principais itens do plano proposto pelo secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, para reduzir a dívida de 400 bilhões de dólares da América Latina:

- | | | |
|---|---|--|
| 1 |  | REDUÇÃO
Reviravolta na política econômica do recém-terminado governo de Ronald Reagan, concedendo prioridade à redução da dívida e do serviço. |
| 2 |  | PERDÃO
Convencer os bancos credores comerciais a negociar voluntariamente o perdão (walver) para alguns de seus créditos internacionais. |
| 3 |  | FINANCIAMENTO
Continuidade dos créditos, por parte dos bancos comerciais, a projetos específicos, sendo que esses projetos serão estudados caso a caso. |
| 4 |  | FMI
Fundo Monetário Internacional continua sua tradição de estimular políticas macroeconômicas como condição para o País dispor de fundos para reduzir a dívida. |
| 5 |  | DISPONIBILIDADE
Aumento da disponibilidade do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial para diminuir a dívida do Terceiro Mundo. |

Washington — O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, anunciou ontem o novo plano do governo George Bush para reduzir a dívida externa do Terceiro Mundo, cujas enormes dificuldades vêm causando turbulências políticas e incerteza econômica em todos os continentes.

O plano, que envolveu discussões com os aliados de Washington, líderes do Congresso e banqueiros internacionais, defende uma reviravolta na política do recém-terminado governo Reagan, dando prioridade à redução do débito e de seu serviço e conclamando os bancos comerciais a conceder novos empréstimos e até a negociar voluntariamente um perdão (**walver**) para alguns de seus créditos internacionais.

Brady, de qualquer modo, não renegou o compromisso anterior dos Estados Unidos quanto a aspectos essenciais de sua política para a dívida externa do Terceiro Mundo. Mas se antes o governo Reagan injetava dinheiro nas economias endividadas nos momentos de crise, agora a ênfase recai sobre a redução do próprio débito. O plano Brady, como já está sendo

chamado, também defende uma "reorientação e um aumento das disponibilidades do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, para diminuir a dívida", afirmou o secretário do Tesouro. O anúncio do plano foi feito durante uma conferência no Departamento de Estado, com a participação das principais autoridades dos organismos multilaterais de crédito e da banca comercial.

"Conseguimos muita coisa, mas ainda há mais por fazer", declarou Brady, salientando: "o crescimento é essencial para a solução dos problemas da dívida".

"O montante envolvido é bem substancial", comentou um porta-voz do Tesouro, recusando-se, porém, a dizer especificamente a tamanho do pool de recursos financeiros disponíveis para a nova política da dívida externa.

O plano Brady, com a ajuda do Banco Mundial, do FMI e do Japão, cujo governo saudou a iniciativa ontem mesmo, vai procurar reduzir especialmente a dívida externa da América Latina, agora acima dos 400 bilhões de dólares.

Durante a conferência no De-



Nicholas Brady

partamento de Estado, não faltaram oradores mencionando a onda de violência de rua em Caracas, dias atrás, como um sinal de que já era hora de mudar o rumo do chamado plano Baker, do governo Reagan e cuja premissa básica era injetar dinheiro nas economias dos países que promovessem reformas estruturais. O plano fracassou, como reconheceu o pró-

prio Banco Mundial, no final do ano passado, uma vez que os bancos credores não cumpriram a sua parte de ampliar os recursos para clientes que mal conseguiram cumprir o serviço de débitos anteriores.

Brady enfatizou a necessidade de os países devedores prestarem atenção especial na questão da fuga de capitais. "É importante notar que o total da fuga de capitais dos principais devedores é quase comparável à sua dívida total".

Frisou o secretário que as nações endividadas precisam estimular os novos fluxos de investimento, fortalecer a poupança interna e promover o retorno dos capitais (relativos à fuga).

Segundo Brady, a adoção de medidas específicas para essas questões que mencionou terá de ser parte de qualquer novo programa do FMI e do Banco Mundial.

Desde 1982, quando eclodiu a crise da dívida externa (no México), os bancos praticamente pararam de emprestar ao Terceiro Mundo, limitando-se a tentar receber o que fosse possível.